

**POR TRÁS DA LÍNGUA:
AS DIFERENTES FACES DA LINGUÍSTICA**

SeL

**I SEMANA
DA
LINGUÍSTICA
UFSCAR**



**REALIZADA DE 2 A 6 DE
NOVEMBRO DE 2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

REITORA

Profa. Dra. Ana Beatriz de Oliveira

VICE-REITORA

Prof. Dr. Maria de Jesus Dutra dos Reis

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Daniel Rodrigo Leiva

Prof.^a Dr.^a Luciana Cristina Salvatti Coutinho (Adjunta)

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Prof. Dr. Ernesto Chaves Pereira de Souza

Prof.^a Dr.^a Diana Junkes Bueno Martha (Adjunta)

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins

Prof. Dr. Luiz Eduardo Moschini (Adjunto)

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Profa. Dra. Fernanda Castelano Rodrigues

VICE CHEFE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Profa. Dra. Ariani Di Fellipo

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS

Profa. Dra. Camila Höfling

COORDENADOR DO CURSO DE LINGUÍSTICA

Prof. Dr. Lucas Vinicio de Carvalho Maciel

VICE COORDENADOR DO CURSO DE LINGUÍSTICA

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

EQUIPE DE ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Núcleo

GABRIELA CAROLINA FERREIRA GIMENEZ
LAURO GEOVANY DAMASCENO MARTINS
PAULA ZANGROSSI DE SOUZA
STEPHANI IZIDRO DE SOUSA
VITÓRIA CASTILHO

Comissão organizadora

AMANDA SILVA FLORINDO
AMARILDO RODRIGUES DA SILVA JÚNIOR
ANA CAROLINA DE SOUSA ARAÚJO
GIULIA PREZINHAS COBRA
MARIANA GONÇALVES
VICTORIA MARQUES

Designer do mascote

SOFIA PREZINHAS COBRA



ALUNA DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ROBIN
EM INDAIATUBA-SP





ANAIS DA I SEL SEMANA DA LINGUÍSTICA UFSCAR

Por trás da língua: as diferentes faces
da Linguística



Organização dos Anais

Gabriela Carolina Ferreira Gimenez

Editoração e Revisão Técnica

Gabriela Carolina Ferreira Gimenez

Lauro Damasceno

Paula Zangrossi de Souza

Stephani Izidro de Sousa

Vitória Castilho

Comissão de Pareceristas

Andrei Cezar da Silva

Giovana Nicolini Milozo

Jane Eder Girardi

Julio César Ribeiro dos Santos

Livia Beatriz Damaceno

Tiago Pereira Rodrigues

Yan Masetto Nico



Representante, na I SeL, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e organizador dos pareceristas.

Apoio técnico à Organização

Prof. Dr. Lucas Vinicio Maciel

Profa. Dra. Mariana Luz Pessoa de Barros

Simone Garavello Varella

SUMÁRIO

ARTIGOS

- 08** **A QUESTÃO DA CLOROQUINA NO CONTEXTO BRASILEIRO À LUZ DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL E DA SEMIÓTICA FRANCESA -**
Abraão Golfet de Souza (UFSCar); Stephani Izidro de Sousa (UFSCar)
-

RESUMOS DOS PAINÉIS

- 14** **A HQ VISTA COMO MÍDIUM: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-MIDIOLÓGICA DO OBJETO EDITORIAL “TURMA DA MÔNICA: ROMEU E JULIETA”, DE 2015 -**
Ana Slompo (UFSCar)

- 15** **UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A INFLUÊNCIA DAS LEGENDAS NA AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA -**
Laura Santos Gazana (UFSCar) ; Amanda Post da Silveira (IL- UFSCAR)
-

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES ORAIS

- 16** **DISCURSO E MÍDIUM: AS MATERIALIDADES EM BARBAZUL (2017)** - *J. Victor Messias (UFSCAR)*
- 17** **UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA BÍBLIA: UMA REFLEXÃO ENTRE AS NARRATIVAS DE JUDITE E DALILA** - *Lais Trajano Mendes (USP); Ivã Carlos Lopes (USP)*
- 18** **IDENTIDADE E ESTILOS DRAGS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA** - *Vinicius dos Santos Ribeiro (UFSCar); Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar)*
- 19** **O ESPAÇO ASSOCIADO E A PRODUÇÃO DE VALOR: UM ESTUDO ACERCA DO BTS E SEU PAPEL NA PUBLICAÇÃO DA SAGA DE LIVROS MAP OF THE SOUL, DE MURRAY STEIN**
Karen Naomi Aisawa (UFSCar)
-
-

RESUMOS

- 20** **OBSERVAÇÕES SOBRE O BLOG COMBAT18FLORIDA:VOZES DE ÓDIO E SUPREMACISMO BRANCO EM DIÁLOGO(NEO)NAZISTA-**
Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues (PROBIC/FAPERGS - FURG); Kelli Machado da Rosa (FURG)
-
-

A QUESTÃO DA CLOROQUINA NO CONTEXTO BRASILEIRO À LUZ DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL E DA SEMIÓTICA FRANCESA

Abraão Golfet de Souza (UFSCAR)
Stephani Izidro de Sousa (UFSCAR)

RESUMO: O estabelecimento e a refutação de paradigmas permitem que a metodologia científica seja uma ponte segura entre as chamadas *fake news* e o conhecimento legítimo. Por meio da análise de uma matéria do site de notícias Universo Online (UOL) com manchete “Médico da USP explica estudo da Lancet e alerta que cloroquina ‘pode matar’”, publicada no dia 22 de maio de 2020, este trabalho tem o objetivo examinar como a linguagem e o discurso são mobilizados a fim de promover a desconstrução da mentira intencional e a manutenção do conhecimento científico como verdadeiro. À luz da teoria semiótica de linha francesa e das teorias do discurso em convergência com aspectos da medicina tradicional ocidental, percebemos e analisamos como a relação médico-sociedade é construída, estabelecida e reafirmada nessa notícia enquanto o uso da linguagem é utilizado para expor a ineficiência do uso da cloroquina no combate à COVID-19, atestada por estudos científicos. Como aporte teórico, buscamos em textos de Barros (2005), Fiorin (2016), Marcuschi (1986) e Bonnin (2014) conceitos que dialogassem com contrato fiduciário, manipulações e as manobras enunciativas. Muito representativa da conjuntura atual brasileira de desvalorização da ciência e de manipulação em massa a partir de pós-verdades, essa notícia mostra como pode ocorrer uma desconstrução de *fake news*. Uma das possibilidades é pela construção de um simulacro fiduciário com base em: escolhas enunciativas do jornalista; produções de sentido que retomam a autoridade médica; e, do ponto de vista histórico-discursivo, na imagem sagrada acerca da profissão médica e o constante jogo de papéis sociais entre médico e sociedade. A análise mostrou que a debreagem enuncia **de pessoa** ainda é ponto-chave nas reportagens, principalmente em relação a assuntos polêmicos; e o jornal utiliza-se de várias formas dela para compor sua narrativa **com fortes indícios de manipulação**, ao se referenciar não apenas a um indivíduo médico, mas que é também professor e foi infectado pelo novo coronavírus, buscando ajuda profissional além de si mesmo. Nessa perspectiva, também conseguimos analisar como a relação médico-paciente ocorre em um contexto em que o próprio paciente é médico. Assim, ficam abertas possibilidades de análise da interincompreensão entre ambas as partes (médico e paciente que é médico) nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; contrato fiduciário; relação médico-paciente; fake news; COVID-19.

INTRODUÇÃO

O objetivo primeiro da teoria semiótica reside no estudo acerca do signo e suas ações entre os humanos. A relação entre significado e significante, também chamada de função *signica*, entende o texto como uma rede de dependências que se estabiliza pela correlação entre expressão e conteúdo na dinâmica sócio-histórica-cultural. Isso significa dizer que, para a semiótica discursiva, o contexto ou a situação são também entendidos como textos e funcionam como conjuntos significantes (SARAIVA; LEITE, 2017). Os estudos da linguagem se iniciam com a preocupação de entendimento das unidades *signicas* e passam, depois, a ser acerca de sua presença na composição do mundo humano. Esta é, portanto, uma premissa dos estudos linguísticos, faz parte da significação não apenas os signos, mas também o mundo em que estes acontecem.

A semiótica se consagrou como teoria por meio de Greimas (1960) que, em diálogo com as ideias de Ferdinand Saussure e Louis Hjelmslev, deu início a uma grande tradição de estudo e interpretação do signo. A importância deste advém dos estudos saussurianos que, por sua vez, buscou entender o signo dentro de um sistema linguístico. A semiótica agrega essa premissa e a transforma na preocupação em entender a atuação humana mediada pelos signos

Segundo Beth Brait (1995),

a interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas (p. 194).

Isso implica afirmar que o uso da língua não se restringe à mera mobilização do instrumental linguístico enquanto sistema, mas acontece pela combinação das normas e estratégias com regras culturais, sociais e situacionais percebidas e desenvolvidas pelos participantes da interação. Em virtude disso, a interação – mediada pela linguagem – é inerente ao homem e, com ela, o ser humano não só se constitui como sujeito, mas também estabelece relações com o outro e com o mundo, revelando-a também como instrumento de poder.

Para Fiorin (2007), “o discurso não é apenas um conteúdo mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação” (p.27). Isso ocorre porque em cada enunciação escolhas são feitas, conscientemente ou não, palavras são usadas e modos de dizer são anunciados, tudo isso perpassado pela história. Escolher uma forma de dizer em detrimento de outra, inicia o processo de significação. A partir de

então, a significação começa a ser vista através das escolhas. A enunciação, cara à teoria semiótica e aos estudos linguísticos, enxerga nesse viés a subjetividade da linguagem revelada na língua e nos discursos.

A teoria enunciativa, alicerçada por Benveniste (1991, p. 228), expande os estudos de Ferdinand Saussure e entende que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”. Mas é preciso ainda, para melhor compreensão do fenômeno, extrapolar o conceito de linguagem tido como mera representação do mundo e do pensamento; segundo Koch (2000, p.110), a linguagem humana é “lugar de interação, de constituição de identidades, de representações de papéis, de negociação de sentidos”. Ainda, é lugar de aproximações, distanciamentos, manipulações, persuasões, construções e desconstruções de sentidos, manutenção ou refutação da verdade e/ou da mentira, tudo isso perpassado pela história, pela construção de valores e pela constituição de cada sujeito como um sujeito plural, gerando um processo contínuo e infinito de compreensões e interincompreensões.

De acordo com Eric Landowski, a enunciação é o “ato pelo qual o sujeito faz ser sentido, e o enunciado é o objeto cujo sentido faz ser o sujeito” (LANDOWSKI, 1989, p.222 *apud* FIORIN, 2017, p. 27), advém daí a necessidade de se analisar o enunciado, as escolhas feitas para, então, investigar os sentidos, as manipulações e as crenças estabelecidas na mobilização da linguagem. É este caminho que seguiremos ao analisarmos uma matéria do site de notícias Universo Online (UOL) com manchete “Médico da USP explica estudo da Lancet e alerta que cloroquina ‘pode matar’”. Este trabalho tem o objetivo examinar como a linguagem e o discurso são mobilizados a fim de promover a desconstrução da mentira intencional e a manutenção do conhecimento científico como verdadeiro. À luz da teoria semiótica de linha francesa e das teorias do discurso em convergência com aspectos da medicina tradicional ocidental, perceberemos e analisaremos como a relação médico-sociedade é construída, estabelecida e reafirmada nessa notícia bem como o uso da linguagem é utilizado para expor a ineficiência do uso da cloroquina no combate à COVID-19, atestada por estudos científicos.

Para dar conta desse processo ininterrupto de produção e interpretação do sentido por meio dos signos, Julien Greimas propõe o percurso gerativo do sentido que se divide em três estratos: discursivo, narrativo e fundamental que vão desde o nível mais complexo e concreto ao mais simples e abstrato, tendo cada um uma semântica e uma sintaxe próprios. Todos estão simultaneamente presentes nos textos, na busca por dar conta do espetáculo do homem no mundo (TEIXEIRA, 1998). Entretanto, neste presente artigo, nos deteremos mais fortemente, à sintaxe narrativa, nível da manipulação e do estabelecimento de contratos fiduciários e à sintaxe discursivo, nível de maior complexidade e concretude, lugar onde as ideologias moram e se revelam pelo enunciado.

A nossa hipótese é que escolhas enunciativas do jornalista; produções de sentido que retomam a autoridade médica; e, do ponto de vista histórico-discursivo, a imagem sagrada acerca da profissão médica e o constante jogo de papéis sociais entre médico e sociedade, sejam manejadas a partir da construção de um simulacro fiduciário entre médico e paciente.

1. Relações argumentativas do contrário fiduciário

Para a teoria semiótica, “é nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído” (BARROS, 2005, p. 53-54) e, justamente por isso, é preciso analisar as condições de produção sobre as quais determinado enunciado foi produzido. Sendo a enunciação a instância de análise do porquê determinado enunciado foi cunhado de determinada maneira e de outra não, a flexibilização das categorias de pessoa, espaço e tempo são essenciais para entender o fenômeno da desembreagem e sua produção de sentido no estabelecimento destes valores que se revelam no e pelo discurso.

Todo discurso produz certo tipo de manipulação (BARROS, 2005). O destinador-manipulador quer fazer crer que seu discurso é verdadeiro ou pelo menos criar a ilusão de verdadeiro, assim criar um simulacro que favoreça o estabelecimento de um contrato fiduciário. Em nosso objeto de estudo, o contrato fiduciário é produzido no nível linguístico pelas ferramentas linguísticas que buscam ratificar as autoridades mencionadas na notícia e, em um nível mais profundo, ocorre por meio de uma construção de uma memória sócio histórica acerca do fazer da medicina.

É preciso ressaltar que, quando falamos sobre a profissão médica, estamos falando sobre um contrato fiduciário instituído primeiramente por uma herança cultural. A profissão médica se consagrou ao longo da história por meio da construção de uma imagem sagrada de si mesma (FAIRCLOUGH, 2001). Dizer sobre a vida sempre envolveu um impasse entre o sagrado e o humano. A religião católica, hegemônica durante grande parte da história, desenvolveu um papel crucial para que os seres humanos, ao tentarem compreender aspectos das sociedades, tais como os saberes, estabelecessem conexões com aquilo que dava sentido à sua existência e isto está intimamente ligado ao religioso que explica o mundo e assim dá sentido a ele. Dessa maneira, o aspecto divino permeia, de distintas formas, relações interpessoais e, a exemplo, disso temos a relação médico-sociedade.

Isso se mostra na e pela linguagem à medida que a reportagem utiliza um médico professor da Universidade de São Paulo (USP) para comentar sobre os últimos estudos publicados até o momento na revista *Lancet* – uma das mais antigas e prestigiadas revistas científicas sobre medicina. Isso se mostra como um primeiro indício do estabelecimento de uma debreagem enunciativa de pessoa, em que há um distanciamento da enunciação no discurso (BARROS, 2005), não apenas isentando o jornal de qualquer opinião a respeito da polêmica envolvendo a cloroquina, como também reiterando a autoridade por trás dos juízos de valor ali expostos. A ideia de uma visão médica sobre o assunto vai ao encontro da construção social presente na sociedade do médico como uma figura divinizada.

Segundo Rocha *et al* (2011), médicos eram vistos de maneira dogmática nos primórdios da medicina; esse construto sofreu modulações ao longo da história e, no atual momento, encontra-se em um processo de nova abertura e desconstrução da ideia de divindade. As muitas especialidades, segundo os autores, distanciaram novamente os médicos do paciente e dificultaram ainda mais a capacidade que os profissionais devem ter de observar o indivíduo com um todo.

Conforme veremos a seguir, a reiteração de Dr. Bruno, médico entrevistado na notícia do UOL, corrobora o artifício institucionalizado na comunicação, sobretudo brasileira – paternalista e arcaica –, para indicar poder sobre o conhecimento e monopólio sobre o diálogo.

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como o verdadeiro. (FOUCAULT, 1986 *apud* SACRAMENTO, 2018, p.2).

2. A construção de ícones na sociedade: o médico e seu diálogo com a sociedade paciente

Contudo, a segunda parte da notícia é interessante, pois vence um dos dois aspectos sobre a assimetria no diálogo médico-paciente. Estipulados por Ten Have (2005 *apud* BONNIN, 2014), estes aspectos seriam dois: 1) certa seletividade biomédica, em que o médico apenas se atenta às questões biológicas da queixa, desconsiderando as psicossociais envolvidas na moléstia; 2) na relação médico-paciente, é apenas a condição de saúde do paciente que está sob escrutínio.

Pode-se pensar a assimetria também a partir de Luiz Antônio Marcuschi (1986), por sua definição de diálogo simétrico: os falantes compartilham uma mesma posição, falam de fato um com o outro; há espontaneidade na forma de falar, sobre o que se vai falar e do tempo que se vai levar para falar o que é considerado necessário.

Nessa perspectiva, essa questão do tema é vencida, quando colocado o próprio médico como paciente: o sujeito do fazer se torna o sujeito da espera em uma inversão das posições de diálogo. Dessa forma, a notícia alcança um novo nível de riqueza substancial, ao indicar na fala do próprio médico como a relação médico-paciente é internalizada até por ele mesmo: "Sou médico, mas na hora do vamos ver, chamei um médico. Na verdade, três..." (UOL, 2020).

A reafirmação de seu sujeito de fazer vem logo seguida de sua virada para um papel passivo, de espera de diagnóstico, pois ele mesmo buscou ajuda em outros profissionais. E ainda mais, sua fala acrescenta que, em sua concepção, uma visão apenas não foi suficiente, sendo necessária a ajuda de outros três médicos. Tal acréscimo é interessante, pois também desconstrói a ideia divinizada do médico na visão do Dr. Bruno, pois em um "politeísmo", ele recorre a múltiplas opiniões científicas sobre seu caso.

Outro ponto a se analisar seria o de que Dr. Bruno e seus outros três colegas médicos comporiam um modelo de relação médico-paciente mais adequado, pois eles se considerariam iguais entre si.

Fruto do estudo do professor Robert Veatch (ROCHA *et al*, 2011), tem-se que os quatro modelos seriam: 1) sacerdotal, em que há completa submissão do paciente ao médico e a tomada de decisão é somente do médico; 2) engenheiro, no qual a tomada de decisões é exclusiva ao paciente, sendo o papel do médico apenas o de informar e executar procedimentos; 3) colegial, com um alto envolvimento entre profissional e doente e um poder de decisões igualitário; 4) por fim, o mais adequado seria o contratualista, em que o conhecimento e as habilidades do médico são valorizados, porém há uma participação ativa tanto do paciente quanto do médico nas decisões.

Pensamos que esse seja o caso do Dr. Bruno e seus outros três colegas médicos, por eles compartilharem saberes e habilidades comuns aos médicos e a barreira linguística estar diminuída, ou até mesmo eliminada. Assim, eles conseguem estabelecer um diálogo igualitário, como se realmente estivessem um na situação do outro, porque de fato estão, ao menos profissionalmente.

Barros (2005, p.29) elucida a questão da manipulação como a em que "o destinador propõe um contrato e exerce a persuasão para convencer o destinatário a aceitá-lo". Ainda, a autora propõe uma tipologia bastante simples que prevê quatro grandes classes de manipulação: tentação, intimidação, provocação e sedução.

Nas palavras da autora, também entende-se que "a manipulação só será bem-sucedida quando o sistema de valores em que ela está assentada for compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles." (BARROS, 2007, p.35). Assim, pode-se inferir que, no caso do médico da matéria com seus colegas médicos, a manipulação é bem-sucedida, pois todos os sujeitos (destinadores e destinatários) fazem parte de um mesmo sistema de valores (medicina).

Além disso, supõe-se que, ao buscar a ajuda de seus colegas médicos, o Dr. Bruno já fosse induzido a confiar em suas assunções e diagnósticos, o que possivelmente o isenta de manipulação de imagem negativa do destinatário (provocação) ou de valores negativos (intimidação). Ele ouve seus colegas de profissão compreendendo seus papéis melhor do que um leigo talvez entenderia.

Muito embora, eles possam se entender, é necessário conceituar a interincompreensão a partir de Maingueneau (2005) como a impossibilidade de se compreender na completude o que o outro deseja dizer, pois ambos os lados do diálogo participam dele a partir de vivências diferentes, contextos diversos. O autor diz que "todos que têm acesso a um discurso 'de fora' compreendem-no 'erradamente' – porque o compreendem a partir de sua própria posição e não da posição dos enunciadores daquele discurso" (MAINGUENEAU, 2005, p. 24).

Dessa forma, pode-se entender que mesmo havendo o fenômeno da interincompreensão, o abismo entre os participantes do diálogo nesse caso é menor, quando comparado a uma relação médico-paciente, em que a barreira linguística e a sociocultural é diminuída, conforme dito.

Assim, este seria o ideal em um diálogo médico-paciente: em que a manipulação seguiria por meio de um fazer-persuasivo que age sob um fazer-de-fato-interpretativo, agindo por uma manipulação de tentação, ou até mesmo de sedução, e não de intimidação ou provocação. Em que há uma interincompreensão atenuada e o campo do diálogo é possivelmente mais brando de desentendimentos.

3. Relação médico/paciente-médico

A notícia do UOL mostra uma outra faceta da relação entre médico e a sociedade que carrega, por extensão, toda essa memória discursiva do saber médico. Aqui é posto em evidência o momento em que o médico, Bruno Caramelli, ao contrair o coronavírus, se torna paciente e tem de ser tratado por outro médico. O médico que antes era o sujeito do fazer, se torna, então, o sujeito da espera, mas nessa troca de papéis, seu saber-fazer não desaparece, pelo contrário, a competência continua pertencente a ele e, exatamente por isso, ao mencionar que precisou de um médico, ele, por meio de uma autocorreção auto iniciada, reitera que precisou de, na verdade, três médicos.

O que ocorre comumente é que a competência conferida ao médico é resultado da modalização do sujeito do fazer que é revestida de autoridade dada por meio do seu saber medicinal. Sendo modalizado pelo saber-fazer curar, seu papel hierárquico e o acesso ao sistema de valores em saúde conferem ao médico um poder-fazer. O dever-fazer vem de seu papel social e da crença popular de que, de algum modo, é um sujeito que cumpre a tarefa designada por Deus, este visto como o grande destinador capaz de dar e tirar a vida. Esse conjunto de modalizações autoriza o desempenho do profissional médico e, ainda, "se o sujeito da espera crê que o sujeito do fazer vai transformar seu estado de junção com o objeto-valor, o sujeito do fazer passa a dever fazer. Estabelece-se, assim, o contrato fiduciário" (MELLO, 2005, p. 54). Esse contrato não confere um dever fazer apenas ao médico, mas o médico também espera que o paciente cumpra aquilo que foi proposto como tratamento, assim o médico ocupa o lugar do sujeito de espera enquanto o sujeito do fazer é o paciente. Dessa forma, o contrato fiduciário se estabelece, essa transitividade permite que o sujeito, médico ou paciente, ora ocupe o lugar de sujeito de espera ora de sujeito de fazer

O cenário muda quando o médico se torna paciente. A ilusão de perfeição pela aproximação com o divino não é algo recorrente no imaginário médico, uma vez que eles sabem como de fato é o fazer da medicina na prática. Portanto, para Caramelli, confiar sua vida a um único médico não parecia suficiente, então, contou com o auxílio de outros dois profissionais porque, segundo ele, era a "hora do vamos ver". Vale lembrar que o sujeito apenas pode ser considerado sujeito do fazer se lhe é conferida esta confiança sobre sua capacidade, esta confiança surge pela interpretação do outro com base em seus conhecimentos, sentimentos, crenças e valores. Portanto, é possível dizer que quando o médico está na posição da espera, o contrato fiduciário é menos baseado na crença divina e mais pautado no humano e, por isso, a falta de uma completa credibilidade acarreta à compensação por meio da exacerbação do número de médicos.

A reação de Bruno Camelli ao fazer uso de três profissionais médicos revela o distanciamento da figura médica ao divino e a aproximação ao humano. Além disso, revela também a valorização da competência médica do profissional com inscrição no CRM (Conselho Regional de Medicina) que trata o paciente à base de dipirona em detrimento do médico sem CRM que receita cloroquina. Mesmo tendo contraído uma doença em pandemia, o médico não faz uso da cloroquina – que já havia tido selo de ineficácia para o coronavírus –, faz uso do dipirona, receitado no tratamento proposto pelos três médicos, revelando um possível raciocínio implícito que leva ao uso da cloroquina pelo desespero. Por extensão, é possível perceber que a autoridade que desmente esta *fake news* é o conjunto de médicos, não apenas o médico Bruno Camelli, nem os três médicos participantes de seu tratamento, mas toda a equipe de pesquisadores da Lancet que atesta e propõe o não uso da cloroquina no tratamento desta doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estabelecimento e a refutação de paradigmas permitem que a metodologia científica seja uma ponte segura entre as chamadas *fake news* e o conhecimento legítimo. Muito representativa da conjuntura atual brasileira de desvalorização da ciência e de manipulação em massa a partir de pós-verdades, essa notícia mostra como pode ocorrer uma desconstrução de *fake news*. Investigamos que uma das possibilidades de se desconstruir uma *fake-news* é a partir da construção de um simulacro fiduciário que ocorre, por sua vez, a partir de: escolhas enunciativas do jornalista; produções de sentido que retomam a autoridade médica; e, do ponto de vista histórico-discursivo, a imagem sagrada acerca da profissão médica e o constante jogo de papéis sociais entre médico e sociedade.

A análise mostrou que a debreagem enuncia de pessoa ainda é ponto chave nas reportagens, principalmente em relação a assuntos polêmicos; e o jornal utiliza-se de várias formas dela para compor sua narrativa com fortes indícios de manipulação, ao se referenciar não apenas a um indivíduo médico, mas que é também professor e foi infectado pelo novo coronavírus, buscando ajuda profissional além de si mesmo. Nessa perspectiva, também conseguimos analisar como a relação médico-paciente ocorre em um contexto em que o próprio paciente é médico. Assim, ficam abertas possibilidades de análise da interincompreensão entre ambas as partes (médico e paciente que é médico) nesse contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, v. 4, 2005.
- BONNIN, Juan Eduardo. To speak with the other's voice: reducing asymmetry and social distance in professional-client communication, **Journal of Multicultural Discourses**, 9:2, 149-171, 2014.
- BONNIN, Juan Eduardo. Expanded answers to bureaucratic questions: Negotiating access to public healthcare. **Journal of Sociolinguistics**, 2014.
- BRAIT, Beth. (1995). **O processo interacional**. Análise de textos orais.
- DE MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira. Sobre a semiótica das paixões. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 2, p. 47-64, 2005.
- DE MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira. Sobre a semiótica das paixões. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, v. 8, n. 2, p. 47-64, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo -3º. ed.** - São Paulo: Editora Contexto, 2016
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem: repensando a língua portuguesa**. 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo, Ática, 1986.
- UOL, Universo Online. Médico da USP explica estudo da Lancet e alerta que cloroquina 'pode matar'. **UOL**, São Paulo, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/22/medico-da-usp-explica-novo-estudo-e-ve-irresponsabilidade-com-a-cloroquina.htm>
- ROCHA, Bruno V.; GAZIM, Caio C.; PASETTO, Camila V.; SIMÕES, José Carlos. Relação médico paciente. In: **Revista do Médico Residente**, v. 13, n. 2, 2011, p.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. 2018. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**. V.12, n.1. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SARAIVA, José Américo Bezerra; LEITE, Ricardo Lopes. **Exercícios de semiótica discursiva**. 2017.

TEIXEIRA, Lucia. **Um rinoceronte, uma cidade: relações de produção de sentido entre o verbal e o não verbal**. Gragoatá, Niterói, n. 4, p. 47-55, 1998.

A HQ VISTA COMO MÍDIUM: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-MIDIOLÓGICA DO OBJETO EDITORIAL “TURMA DA MÔNICA: ROMEU E JULIETA”, DE 2015

Ana Paula Slompo (UFSCAR)

RESUMO

Este painel é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica fomentada pela FAPESP (Processo 2020/05343-7). Tendo em vista que Romeu e Julieta é uma das peças teatrais de Shakespeare mais conhecidas e retomadas, sendo encenada em diversas versões até hoje, mais de 400 anos depois de ser inicialmente escrita, buscamos estudar uma versão que obteve muito sucesso em português brasileiro, a da Turma da Mônica, lançada tanto em forma de história em quadrinhos (1978) quanto como teatro musical (1978), LP (1978) e filme para televisão (1979). Nos interessamos pela edição comemorativa de “Turma da Mônica: Romeu e Julieta”, lançada em 2015 pelos oitenta anos de Mauricio de Sousa, com capa dura e dourada (características que definem edições de luxo), uma edição que dialoga com o sucesso atribuído à adaptação. Refletimos sobre como esse objeto editorial, tal como se constitui, aponta para a autoria que o avaliza e é por ele avalizada. Interessa-nos pensar o que faz a HQ ainda ser Romeu e Julieta, ao mesmo tempo em que é Turma da Mônica. Entendemos que é possível a identificação de ambos, pois há um complexo jogo entre um dizer e modos de dizer, segundo a perspectiva discursiva aqui assumida. Usamos o conceito de mídiium, de Debray (1993), ao pensar este aspecto: a HQ é um vetor de sensibilidade, impondo ao seu leitor certas formas de apropriação e isso se dá porque há uma matriz de sociabilidade evocada nessa sensibilização. Essa é a nossa questão de fundo: o que pode haver de comum entre a história clássica de Romeu e Julieta e a versão da Turma da Mônica, uma “história universal”? Os diferentes suportes, como a HQ e a peça, supõem circulações diversas; e isso tem a ver com o fato de esses vetores de sensibilidade estarem atrelados a certas matrizes de sociabilidade: as instituições discursivas que dão vida a esses objetos, que os produzem e produzem seu valor. Ademais, com as mudanças decorrentes de adaptações além do gênero, as implicações geradas são distintas, mudando o *ethos* discursivo (Maingueneau, 2008) daqueles personagens envolvidos. Assim, em nossa pesquisa, queremos entender como um dado mídiium, a HQ de 2015, participa da produção de um dado *ethos*. Neste painel, especificamente, mostramos a constituição desse objeto como mídiium.

Palavras-chave: mídiium, *ethos* discursivo, HQ.

UM ESTUDO EXPERIMENTAL SOBRE A INFLUÊNCIA DAS LEGENDAS NA AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Laura Santos Gazana (UFSCAR);¹
Amanda Post da Silveira(IL-UFSCAR)²

RESUMO

Este projeto de iniciação científica tem como um de seus objetivos promover uma maior interação das áreas de Linguística Aplicada, Psicolinguística, Fonética e Fonologia de Língua Estrangeira (Espanhol). A principal tarefa é estudar o papel das legendas e recursos audiovisuais na aquisição fonológica do espanhol. Faz-se hipóteses de que as legendas podem ter um papel de auxílio para a compreensão de ouvintes nativos de português brasileiro da língua estrangeira espanhola. Acredita-se que a leitura das legendas em matérias audiovisuais, no idioma que está sendo falado, pode facilitar para o ouvinte a compreensão do que está sendo dito. Com isso, poderá impulsionar o aprendizado sobre os sons de fala estrangeira. Será utilizado como referencial teórico, uma replicação dos experimentos e estudos de Mitterer e McQueen (2009), que utilizou duas línguas próximas lexicalmente, o holandês e o inglês. Para esta investigação, far-se-á dois experimentos com um grupo de ao menos 36 falantes nativos de português brasileiro, aprendizes de espanhol de faixa etária igual ou superior a 18 anos e de escolaridade universitária. O experimento iniciará com um pré-teste com esses participantes, cuja tarefa deles será julgar, em uma escala de 1 a 5, o nível de dificuldade na compreensão de excertos extraídos de vídeos dos quais será apresentado algumas variantes do espanhol. A partir dos resultados, serão escolhidas para os próximos testes, as variantes consideradas mais difíceis. Para o teste principal, os 36 participantes serão divididos em 6 grupos dos quais 2 ouvirão 25 minutos de um filme em determinada variante e 25 minutos de um filme com outra variante, ambos sem legenda. Outros 2 grupos assistiram dois trechos de 25 minutos, também das duas variantes, porém desta vez com legendas em espanhol. E os outros 2 grupos verão os trechos com legendas em português. Todos os participantes irão ouvir cada uma das passagens duas vezes e repetirão o que for ouvido após cada repetição. Acredita-se que os resultados dos experimentos serão a adequação, ou não, à pronúncia das variantes do espanhol apresentadas aos participantes. Espera-se que os participantes terão melhores resultados na pronúncia da L2, com a exposição dos audiovisuais legendados em espanhol. Por outro lado, ao serem expostos aos trechos com legendas em português, os participantes terão menos acertos na pronúncia da L2, pois a língua nativa deles pode vir a dificultar a adaptação às variantes mais difíceis. Na condição em que não há legenda no material audiovisual acredita-se que os acertos dos participantes serão menores, por não haver o auxílio da dimensão ortográfica à representação fonológica.

Palavras-chave: Língua Estrangeira; Ortografia; Fonologia; Percepção; Produção de Fala

1. Licenciatura em Letras Espanhol – Pesquisadora de Iniciação Científica.

2. Professora visitante de língua inglesa do Instituto de Línguas da UFSCAR – Orientadora do projeto de Iniciação Científica.

DISCURSO E MÍDIUM: AS MATERIALIDADES EM BARBAZUL (2017)

J. Victor Messias (UFSCAR)

RESUMO

Que o ethos discursivo de Maingueneau (2008) é um tema recorrente em estudos sobre o discurso, já está posto. Mas algo escapa aos que iniciam os estudos nesse campo com os textos clássicos; o que está em jogo quando se diz que discurso é matéria da enunciação? Pois, onde está essa matéria? Bom, “onde”, não, mas “em que” ela está, sim, é uma boa questão. E assim o Grupo de Pesquisa Comunica - Inscrições Linguísticas na Comunicação (CNPq), parte da rede de pesquisas do Laboratório de Escritas Profissionais e Processos de Edição - LABEPPE (UFSCar - CEFET MG), traz em seus estudos o conceito de mídiium, originalmente construído por Debray (1991; 1994; 2000) e hoje aplicado junto aos conceitos de discurso de Maingueneau para o estudo de objetos editoriais, produções materiais com perspectiva de uma dada vida pública. Nesta comunicação, a exposição sobre esses dois conceitos – ethos discursivo e mídiium – será estruturada utilizando o objeto editorial Barbazul (2017), de Anabella López, que possui uma materialização singular quando se trata do fenômeno processual identificado como gotificação, transformação de algo não-gótico em algo gótico, que estamos estudando na Iniciação Científica com o projeto intitulado O ethos sombrio do objeto editorial Barbazul (2017), de Anabella López: um estudo discursivo-midiológico de sua formalização material (PIBIC/CNPq). Em sua fase atual, a pesquisa explora o conceito de arquétipos como essa matéria discursiva, o que, segundo nossa hipótese, é o que dá base ao processo de gotificação, principalmente o mito de Perséfone, que se passa quase em todo no Submundo; enquanto o mito de Psiquê também tem de ser considerado, na medida em que é uma grande estrutura formadora de todos os contos de fadas (BULFINCH, 2013). Portanto, essa é uma apresentação voltada à exemplificação desses conceitos fundamentais, utilizando o objeto de pesquisa como ilustração deles, no intuito de divulgar uma das diversas abordagens da Análise de Discurso de linha francesa que se desenvolvem no campus, e que participam do todo que é o curso de graduação em Linguística da UFSCar - São Carlos. o auxílio da dimensão ortográfica à representação fonológica.

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA BÍBLIA: UMA REFLEXÃO ENTRE AS NARRATIVAS DE JUDITE E DALILA

Lais Trajano Mendes (USP)¹
Orientador: Ivã Carlos Lopes (USP)²

RESUMO

A partir do crescimento das discussões sobre a representação feminina dentro da *Bíblia*, torna-se necessária a realização de pesquisas que dialoguem a noção de valor associada às personagens construídas no discurso bíblico. Assim, o trabalho apresenta como objetivo principal a exposição de uma análise literária comparativa entre as narrativas de Judite e Dalila presentes, respectivamente, no livro de *Judite* – texto não canônico – e no livro de *Juízes* – texto canonizado –, do *Antigo Testamento da Bíblia Sagrada* católica, buscando refletir semelhanças e diferenças em relação às noções de valor contidas nas duas narrativas em torno das duas personagens, ao depreender as estruturas do texto e o percurso de geração de sentido e ao observar figuras e isotopias associadas à caracterização das personagens femininas, focalizando a representação da mulher nesses dois contextos. Dessarte, a análise foi realizada à luz da teoria semiótica francesa, da teoria literária bíblica e de estudos antropológicos associados aos *corpora*, acompanhando reflexões de autores, como Algirdas Julien Greimas, Northrop Frye, Claude Lévi-Strauss, Vladimir Propp, Mary Douglas, Claude Zilberberg e estudos da revista *Sémiotique et Bible*, publicada pelo *Centre pour l'analyse du discours religieux*, de Lyon, na França. Desse modo, muitos resultados da análise mostraram-se produtivos: o principal deles é o fato de que apesar de Judite e Dalila realizarem ações semelhantes, ao despotencializar personagens masculinas e poderosas na narrativa, a construção de valores morais em torno das personagens e o sancionamento colocado pela enunciação bíblica são distintos, o que leva a crer que essas valorizações estão vinculadas à maneira de construção dos papéis actanciais, da focalização, do percurso figurativo e da influência das figuras espaciais na caracterização das personagens, como também às maneiras distintas em que essas personagens estão construídas dentro de um sistema de narrativas em que as operações de triagem – associadas à noção unicidade, seleção tribal e casamento endogâmico – são euforizadas e as operações de mistura – referentes às concepções de multiplicidade, relações intertribais e casamento misto – são disforizadas.

Palavras-chave: Discurso bíblico, teoria semiótica, narrativa, representação feminina, estudos literários.

1. Orientanda de Iniciação Científica em Semiótica pelo Departamento de Linguística da USP e aluna de graduação em português e inglês pela Universidade de São Paulo.

2. Professor Doutor em Linguística da Universidade de São Paulo.

IDENTIDADES E ESTILOS DRAGS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Vinícius dos Santos Ribeiro (UFSCar)¹
Orientadora: Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar)²

RESUMO

O presente trabalho tem como temática central a performatização do gênero, a partir de uma perspectiva *drag queen*. Nosso *corpus* é formado por quatro episódios do programa *RuPaul's Drag Race*, produzido pela produtora cinematográfica *World of Wonder*, que vêm sendo analisados, levando em consideração o seu sincretismo de linguagens. O objetivo dessa pesquisa de iniciação científica, ainda em fase inicial, é identificar as diferentes identidades *drags*, conforme se manifestam nos momentos de passarela de cada episódio. Nosso intuito é contribuir para a compreensão dessas identidades e também com reflexões, no âmbito da semiótica discursiva, acerca das questões de gênero social. Este trabalho tem como fundamento a teoria semiótica proposta por Greimas e seus desdobramentos atuais, sobretudo a respeito das noções de estilo e de *ethos* (DISCINI, 2003; 2015). Dialoga, ainda, com os conceitos propostos por Butler (2003; 2007) numa perspectiva em que o gênero é visto como uma produção performativa; nesse sentido, a identidade *drag queen* é aqui entendida como algo que se projeta a partir de sua performance linguageira e discursiva. O exame dos momentos selecionados de cada episódio possibilita a apreensão das diferentes identidades *drags*, a partir da análise tanto do plano de conteúdo (percurso gerativo do sentido) quanto do plano de expressão (cores, formas, movimentos, disposição espacial etc.), pois é a observação das reiterações de conteúdo e de expressão que possibilita apreender o estilo de cada *drag* e o *ethos* projetado. Até o momento, foi possível identificar alguns temas e figuras recorrentes e começar a estabelecer sua relação com as cores e as formas das roupas, e também com os gestos e a movimentação pelo palco. No episódio "*PharmaRusical*", por exemplo, pudemos observar uma reiteração de traços mais femininos, como a exploração de curvas (no busto e no quadril) e pelos gestos e movimentação na passarela (requebrando os quadris), na *drag* Asia O'Hara, em oposição à *drag* Aquaria, que explora traços menos binários, ao combinar gestos de colocar as mãos na cintura, movimentos de mexer os quadris e a falta de exploração de curvas no corpo. Isso projeta dois diferentes estilos, duas diferentes identidades. São questões como essas que pretendemos discutir nessa apresentação.

Palavras-chave: gênero social, semiótica discursiva, estilo, *drag queen*, *RuPaul's Drag Race*

1. Orientando de Iniciação Científica em Semiótica pelo Departamento de Letras da UFSCar e aluno de graduação em em Bacharelado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

2. Professora Doutora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

O ESPAÇO ASSOCIADO E A PRODUÇÃO DE VALOR: UM ESTUDO ACERCA DO BTS E SEU PAPEL NA PUBLICAÇÃO DA SAGA DE LIVROS MAP OF THE SOUL, DE MURRAY STEIN

Karen Naomi Aisawa (UFSCar)

RESUMO

Em dezembro de 2018, a Big Hit Shop, loja oficial da Big Hit Entertainment, empresa que gerencia o septeto de música pop sul-coreano BTS, colocou à venda a versão coreana do livro Jung: *O Mapa da Alma: Uma introdução*, do pesquisador Murray Stein. Posteriormente, descobriu-se que tal obra foi a base para o primeiro álbum da trilogia Map of the Soul, o *Map of the Soul: Persona*. Em março de 2019, o trailer do álbum, intitulado *Intro: Persona*, foi lançado. Após esse evento, Stein foi convidado a participar de diversas entrevistas, bate-papos e podcasts com os fãs do grupo, eventos nos quais foi chamado a discutir os conceitos do psicólogo Carl Gustav Jung que foram mobilizados pelo BTS. Assim, a referência do septeto à obra do pesquisador, vinte anos após sua primeira publicação, atribuiu-lhe nova circulação, levando-a, inclusive, a integrar a lista de best-sellers da Amazon. Posteriormente, após o lançamento do álbum, o autor publicou um novo livro, intitulado *Map of the Soul - Persona: Our many faces* e dedicou-o ao BTS. Esse feito se repetiu na ocasião do lançamento do segundo álbum da trilogia, intitulado *Map of the Soul: 7*, em fevereiro de 2020, que continha as canções *Interlude: Shadow* e *Outro: EGO*, referenciando outros dois conceitos da teoria junguiana. Essas canções, por sua vez, deram origem a outros três livros escritos por Murray Stein: *Map of the Soul - Shadow: Our Hidden Self*, *Map of the Soul - Ego: I Am* e *Map of the Soul - 7: Persona, Shadow & Ego in the World of BTS*. Considerando esse cenário, propomos, para esta apresentação, uma breve reflexão acerca das noções de espaço canônico e espaço associado, as quais foram formuladas pelo linguista francês Dominique Maingueneau. Para ele, o conceito de espaço canônico diz respeito àquilo que é reconhecido como material autoral, isto é, como obra, e o espaço associado diz respeito à vida pública que sustenta essa obra: por onde e por que meios circula, os modos de retomada e referência, em suma, é o espaço da produção de rumor público e, conseqüentemente, da produção do valor da obra. É a relação entre esses espaços que nos interessa aqui, pois nos permite considerar a complexidade sistêmica do mercado editorial e suas decorrências na produção cultural. Destacamos, por fim, que o conteúdo da presente apresentação constitui apenas um recorte de nossa pesquisa principal, intitulada “Mídium e mundo ético: um estudo das relações entre espaço canônico e espaço associado na criação multiplataforma do BTS Universe”.

Palavras-chave: Análise do Discurso; BTS; Espaço associado; Map of the Soul; Produção de valor.

OBSERVAÇÕES SOBRE O BLOG COMBAT18FLORIDA:VOZES DE ÓDIO E SUPREMACISMO BRANCO EM DIÁLOGO(NEO)NAZISTA

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues
(PROBIC/FAPERGS - FURG)
Kelli Machado da Rosa (FURG)

RESUMO

Esta pesquisa trata de um *blog* de uma organização supremacista branca racista chamada *Combat 18* (C18 – de ora em diante). Nesse sentido, a pesquisa visa alcançar estes objetivos: i) averiguar as possíveis relações dialógicas do *blog* do C18 da Flórida com a organização *Supreme White Alliance* (SWA – de ora em diante); ii) perscrutar reflexos e refrações semânticas dos signos ideológicos materializados em enunciados concretos em articulação com sentidos de vozes socioideológicas do (neo)nazismo. A pesquisa justifica-se no combate às formas de racismo, às de discriminação racial e às de intolerâncias congêneres no cenário (inter)nacional, consagrando os pilares da Declaração de Durban. A fundamentação teórica é calcada em referencial bibliográfico e interpretativo que põe em interlocução as investigações das organizações internacionais *Counter Extremism Project*, *Fighting Hate For Good* e estudos da língua(gem) de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov. Como procedimento metodológico, seleciona-se, por intermédio de uma abordagem dialógica do discurso, o *blog* denominado “*Combat18florida*” no qual foi publicado um texto de recrutamento da SWA. Os resultados integrais da pesquisa permitem concluir que essas duas organizações criminosas, por meio de suas enunciações, instauram posições de ódio e supremacismo branco em diálogo (neo)nazista na rede virtual. Se a C18, com base em seus atos discursivos e sociais, pretende deportar e assassinar as populações não-brancas, eliminar judeus e não-héteros, a SWA refrata-se semanticamente como um clube baseado em crenças racistas que objetiva livrar-se da influência não-branca na sociedade. Nesse (ciber)contexto, a C18, ao publicar o texto de recrutamento da SWA, amalgama uma fusão de valores ideológicos de segregação, endereçando seu coro de vozes condenatórias a minorias sociais. Ademais, reforça-se o compromisso destas autorias com a defesa da democracia e da utopia na e pela língua(gem).

Palavras-chave: Combat18; Supreme White Alliance; Counter Extremism Project; Fighting Hate For Good; Neonazismo.

I SEMANA DA LINGUÍSTICA UFSCAR

REALIZADA DE 2 A 6 DE NOVEMBRO DE 2020



**POR TRÁS DA LÍNGUA:
AS DIFERENTES FACES DA LINGUÍSTICA**